



GT 10. Antropologia das praticas esportivas e de lazer

Coordenador(es):

Leonardo Turchi Pacheco (UNIFAL-MG - Universidade Federal de Alfenas)

Mariane da Silva Pisani (UFT - Fundação Universidade Federal do Tocantins)

Sessão 1 - Lazer e Sociabilidades

Debatedor/a: Luiz Fernando Rojo Mattos (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 2 - Relações de Gênero e Etnografias

Debatedor/a: Mariane da Silva Pisani (UFT - Fundação Universidade Federal do Tocantins)

Sessão 3 - Corpo, performance e noções de pertencimento

Debatedor/a: Leonardo Turchi Pacheco (UNIFAL-MG - Universidade Federal de Alfenas)

Este grupo de trabalho tem como proposta dar continuidade, ampliar e acrescentar novas reflexões realizadas nas reuniões anteriores da Reunión Antropológica del Mercosur (2001-2019) e Reunião Brasileira de Antropologia (2000-2018) nos grupos de antropologia dos esportes e do lazer. Ao se constituir como um espaço de diálogos, trocas e interlocuções, esse GT tem como objetivo reunir antropólogos (e demais cientistas sociais) que através de abordagens teórico-metodológicas diversas dedicam-se a compreender os esportes e os lazeres; suas práticas e saberes (de resistência ou cumplicidade) em um contexto que engloba o Brasil e parte da América do sul, marcado pelo crescimento do autoritarismo, conservadorismo na moral e costumes, e retrocessos em direitos, políticas públicas e sociais. Nessa perspectiva tem a intenção de acolher estudos que aprofundem e refinem os debates relativos aos esportes e lazeres em conjunção a temas como os das identidades raciais e étnicas, preconceitos sociais, sociabilidades, corporeidades, os estudos de gênero, sexualidade e erotismo, as estruturas de poder, as mídias tradicionais e as novas mídias, a ocupação de espaços urbanos e rurais, as lógicas das territorialidades e seus conflitos.

Yoga, Sannyasa e vida de Ashram ? Entrelaçando Ritmo, Temporalidade e Aprendizagem no contexto de práticas do Ashram Casa do Guru

Autoria: Lucas Brandão Procópio (NaPrática/UFMG), José Alfredo Oliveira Debortoli (NaPrática/UFMG) Swami Aghorananda Saraswati (Satyananda Yoga Center/Casa do Guru)

Partimos da pulsação em evocar um itinerário de negociação identitária percorrida por esse autor, atento às expressões rítmicas que emergem do contexto de pesquisa, as temporalidades geradas a partir dessas e, imbricados à essas, os processos de aprendizagem imanentes às formas de relação estabelecidas. Remeto à três chaves de compreensão desse work ? Yoga, Sannyasa e Ashram ? para anunciar o nosso universo etnográfico. Yoga evoca um sentido de percepção e interação prática com a vida, onde preza-se relações atentas, conscientes e holistas (NIRANJANANANDA, 2005; ELIADE, 2009); Sannyasa é antiga tradição que, tendo seu berço na ancestralidade indiana, encontra-se ancorada na instituição da renúncia e, equivalentemente ancestral, a tradição Guru-discípulo (NIRANJANANANDA, 2008; OLIVELLE, 1993); Ashram é território onde consubstancia-se o Yoga e a expressão de Sannyasa, constituindo-se esse um espaço onde um ritmo de interação com a natureza e os seus ciclos é imperativo, onde as faces técnicas e ritualísticas do Yoga se expressam e onde, por fim, celebra-se uma forma de vida que contemple valores como a disciplina, a moderação, o movimento e a contemplação (NIRANJANANANDA, 2005). Esse work emerge de um percurso (em continuidade) de dez anos de envolvimento com o Ashram de nome Casa do Guru (Serra da Moeda ?



MG). Essa alongada temporalidade de relação só mesmo se justifica no sentido que esse aspirante é mesmo parte indissociável do seu campo de pesquisa (e vida), tendo desenvolvido tal work com (e sob) a orientação daqueles que com ele compõem o campo (INGOLD, 2018). As discussões em torno do Lazer e dos conceitos que o regem se dão, sobremaneira, apoiadas em um pilar monoepistêmico, europeu, urbano e industrial (GOMES, 2014). Invariavelmente, desdobraram-se em formas de nomear e classificar as práticas sociais de lazer em uma cristalizada dicotomia, onde tempo e atitude são categorias fundamentais para estabelecer a fissura entre o lazer e o work. Sobre essa fissura erigiu-se tantas outras dicotomias como tempo ativo e aposentadoria, o prazer e a insatisfação, a contenção e a liberdade, etc. Propomos portanto, enfim, jogar luz ao as discussões ora elencadas apontando para outras temporalidades, relações rítmicas, estéticas e de cuidado, em que o fortalecimento de si contraponha o furto das subjetividades que discorrem em nosso capitalismo moderno (BAPTISTA, 2013). Nosso work busca dar continuidade (antes que responder) as seguintes provocações: em que medida as formas de relação com a vida evocadas em nosso estudo nos sugerem outras maneiras de interação com o tempo? Em que medida podemos vislumbrar perspectivas não fragmentadas da vida, onde constituições identitárias se dão de maneira integradas e indissociáveis do cotidiano?

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: